

REVISTA DE GVIMARÃES

publicação da sociedade martins sarmento

Volumes 126/127

GUIMARÃES
2018

Alberto Sampaio: o homem e o historiador inovador

José Amado Mendes¹

Resumo

No presente texto apresenta-se uma síntese do percurso biográfico de Alberto Sampaio, evocando os seus aspetos mais relevantes, desde a formação académica à sua diversificada atividade cultural e de participação cívica. Entre outros pontos da sua história de vida destacam-se a frequência da Universidade de Coimbra e o convívio com discípulos que vieram a pontificar no meio cultural, o seu papel na importante Exposição de Guimarães de 1984, a produção da sua obra histórica e literária e a atividade como vitivinicultor de sucesso. No que se refere ao valor da sua obra historiográfica, evidenciam-se alguns aspetos inovadores e muito avançados para o tempo, a saber: o alargamento do conhecimento do nosso passado histórico a períodos recuados, o ter sido o “pai” da História Económica, o método usado na respetiva investigação, a perspicácia relativamente ao contexto socioeconómico e social do seu tempo e como precursor da chamada “História do Presente”.

Palavras-chave: Alberto Sampaio; Percurso Biográfico; Inovação; História Económica; História do Presente.

Introdução

Alberto Sampaio foi um dos nossos historiadores mais eminentes, podendo ombrear, por exemplo, com Alexandre Herculano,

¹ Universidade de Coimbra, Universidade Autónoma de Lisboa (jamendes@autonoma.pt). Conferência proferida na Sociedade Martins Sarmiento, em 1 de dezembro de 2016, na Sessão de Entrega do Prémio de História Alberto Sampaio.

Oliveira Martins, Gama Barros, Rebelo da Silva ou João Lúcio de Azevedo. Todavia, até aos inícios dos anos 1990, podemos dizer que foi quase um “ilustre desconhecido”, pelo menos do grande público².

Apesar de ter convivido, em Coimbra, com alguns dos grandes vultos da Geração de 70 (entre outros, Eça de Queirós, Teófilo Braga e Antero de Quental, com quem estabeleceu uma profunda amizade que perdurou até ao falecimento deste, em 1891), a sua vida e obra permaneceram numa certa obscuridade, até à realização do Congresso Histórico comemorativo dos 150 anos do seu nascimento (Guimarães, 1991). Para isso terão contribuído, por um lado, a sua personalidade, discreta, reservada e afastada da ribalta política e social (por vontade própria) e, por outro, o género de história a que se dedicou, quase sem personalidades, quando estas estavam na ordem do dia (antes do 25 de abril de 1974) e muito focada nas origens remotas da nossa História, numa altura em que a História Contemporânea se tornou mais apelativa, como se tem verificado nas últimas décadas.

A publicação das *Atas* do referido Congresso (CMG, 1995) e a criação do Prémio de História Alberto Sampaio (no mesmo ano) contribuíram, igualmente, para divulgar a obra do autor das *Vilas do Norte de Portugal*. Marcos importantes foram, ainda:

- iniciativas levadas a cabo em 2007-2008, no âmbito do Centenário do falecimento de Alberto Sampaio (inclusive com a publicação de *Obras* de Alberto Sampaio, pela Sociedade Martins Sarmento, cuja 1.^a ed. de *Estudos Históricos e Económicos*, de 1923, há muito se encontrava esgotada);
- publicações, entretanto vindas a lume, com destaque para a obra de Emília Nóvoa Faria e António Martins, intitulada

² Recorde-se, porém, que já em 1923 e 1941 (ano do centenário do seu nascimento) se tinha chamado a atenção para a importância da obra de Alberto Sampaio no contexto da historiografia portuguesa, designadamente nos seguintes trabalhos: «Alberto Sampaio e a sua obra» (Magalhães, 1923); *Estudos Históricos e Económicos* (Sampaio, 1923: p. V-XXIX); «Alberto Sampaio na História de Portugal» (Chaves, 1941); «Alberto Sampaio», (Cardoso, 2009: 37-42).

A Paixão das Origens. Fotobiografia de Alberto Sampaio (2012);

- publicação da *Correspondência de Alberto Sampaio* (em 2 vols., incluindo as suas cartas e as que lhe foram dirigidas), também organizada por Emília Nóvoa Faria e António Martins (2008; 2009);
- edição da dissertação de Mestrado de Barroso da Fonte, *O Pensamento e a Obra de Alberto Sampaio* (1998);
- alguns outros estudos e artigos, publicados em revistas;
- mais recentemente, já no contexto das comemorações dos 175 anos do seu nascimento, assinale-se a publicação da importante obra, dedicada aos *Livros de Alberto Sampaio* (Faria, 2016), através da qual ficamos a conhecer, mais profundamente, a numerosa e diversificada bibliografia que consultou, para elaborar os seus relevantes estudos históricos.

Na impossibilidade de, nas presentes circunstâncias, passar em revista tudo o que tem sido divulgado sobre a vida e obra do historiador, permito-me apenas chamar a atenção para alguns aspetos que considero mais significativos.

1. Síntese do percurso biográfico de Alberto Sampaio

Filho do Dr. Bernardino Sampaio e Araújo e de D. Emília Cardoso Teixeira, Alberto Sampaio nasceu, na cidade de Guimarães, em 15 de novembro de 1841, vindo a falecer na sua Quinta de Boamense (freguesia de S. Cristóvão de Cabeçudos, concelho de Vila Nova de Famalicão), com 67 anos de idade, em 1 de dezembro de 1908, ou seja, há 108 anos.

A sua educação formal foi realizada no Colégio de Landim, no Liceu de Braga e na Universidade de Coimbra, pela qual se formaria em Direito (como seu irmão, José Sampaio). Tendo-se matriculado na respetiva Faculdade em 1858 (com 17 anos de idade), veio a concluir o curso em 1863.

Nessa altura, o ambiente universitário conimbricense fervilhava de novas ideias e ideais, o que exerceu influência significativa nos jovens de então, ávidos de conhecer as novidades literárias, filosóficas e ideológicas que chegavam da Europa, em especial de Paris.

Foi nesse ambiente que, pouco depois de Alberto Sampaio ter deixado Coimbra, se desencadeou a célebre “Questão Coimbrã”, da qual foi protagonista Antero de Quental.

Concluído o curso (com apenas 21 anos de idade) e após uma breve experiência em Lisboa, a qual não lhe agradou, regressou ao “seu” Minho, à Quinta de Boamense, com estadas mais ou menos prolongadas no Porto e em Braga, alternadas com algumas viagens, pelo país e estrangeiro.

Nas duas décadas após o seu regresso de Coimbra, Sampaio prosseguiu os estudos e preparação (a que poderemos chamar de educação não formal), aperfeiçoando o seu conhecimento em línguas estrangeiras, efetuando leituras, publicando textos sucintos já classificados como “escritos de juventude” (Fonte, 1998: 19-20), viajando e participando em ações destinadas a promover o desenvolvimento local e regional.

De certo modo, excetuando as datas e o número de anos, aplicam-se-lhe as palavras que Alberto Sampaio escreveu a propósito de Martins Sarmiento: «voltou-se para assuntos literários e sociológicos nas gazetas locais, desde 1856 até perto de 1874 [no caso de Alberto Sampaio, foi de 1863 a 1884]. Nestes dezoito anos através de leituras, as mais variadas, adquiriu grande massa de conhecimentos que lhe deram a largueza de vistas característica das suas concepções» (Lemos, 2013: 25). Especificando um pouco melhor a sua múltipla ação desenvolvida neste período, recordo alguns factos. Quanto a viagens, Camilo Castelo Branco, em carta dirigida a António Feliciano de Castilho (Seide, 12/06/1873), referia-se assim a Alberto Sampaio:

«Rapaz de 33 anos [na verdade, ainda só tinha 31], que lê alemão, grego, inglês e latim correntemente. Escreveu há anos ótimos artigos à Montaigne, num periódico de António Augusto. Depois deu-se todo à agricultura e fabrica Champanhe. Pertenceu à seita de Antero, e hoje pasma-se da tolice de todos. De vez

em quando vai a Paris; passa 2 meses no Boris a ler os livros modernos e volta para a sua Quinta de Boamense. Bela vida!» (Faria e Martins, 2012: 130)³.

Anos depois, é o próprio Alberto Sampaio que informa ter visitado a Exposição Universal de Paris de 1878, na companhia do seu amigo Antero (Faria, 2007: 33)⁴.

Contribuiu ainda para a sua formação a consulta de revistas, nacionais e estrangeiras, em muitos casos assinadas de parceria com Antero de Quental e Oliveira Martins.

Entretanto, foi também ele o grande obreiro, dinamizador e a “alma” da Exposição Industrial de Guimarães de 1884⁵ (no ano em que se realizou um certame do mesmo género em Coimbra). A propósito do seu papel no evento, podia ler-se no *Jornal do Comercio*:

«Assumindo esta direção [da Exposição], o dr. Alberto Sampaio desenvolve a máxima actividade, visitando as casas de comércio, as fábricas e oficinas, animando a todos, resolvendo dúvidas, organizando, enfim, o quadro das indústrias concelhias. Nas conjunturas mais graves, mais por satisfação aos seus consócios, que por necessidade, consulta a comissão central» (Guimarães, 2009: 141).

Teve o ensejo de enaltecer as vantagens da organização da Exposição, quer no trabalho que dedicou ao assunto (*Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?*, Sampaio, 2008: 395-405), quer no relatório da Exposição, com ampla participação sua. Nesses escritos expôs também a sua perspetiva, em parte ainda atualizada, sobre a evolução histórica da sociedade, sublinhando:

³ A parte da carta, acima transcrita, foi também citada por mim noutro trabalho (Mendes, 2016: 85).

⁴ A Exposição de Paris de 1878, visitada por Alberto Sampaio acompanhado por Antero de Quental, recebeu por volta de 16 milhões de visitantes (Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1986: 15).

⁵ Sobre a Exposição ver: *Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães em 1884* (Sampaio e Meira, 1991); *A Exposição Industrial de Guimarães*. (Guimarães, 2009: 137-189). Nesta obra encontram-se outros capítulos de interesse sobre a dita Exposição que se realizou, em Guimarães, entre 15 de junho e 26 de julho de 1884.

«Na transformação das sociedades, que é o labor contínuo dos tempos, podemos desde já assegurar que um dos aspectos que reveste a evolução geral da humanidade, por ventura a sua íntima essência, é a substituição do regímen militar pelo regímen industrial, convergindo para as lutas pacíficas do trabalho as energias que, anteriormente a esta *étape* do desenvolvimento social, revestiam nas pelejas armadas dos povos hostis, uns para com os outros, e nas dissensões mais cruéis dos próprios povos entre si mesmos» (Sampaio, 1884: 8).

Ao invés do que defendia o seu contemporâneo Anselmo de Andrade (Andrade, 1918), para quem Portugal não era nem nunca poderia vir a ser um país industrial (por lhe faltarem matérias-primas) — tese posteriormente refutada por José Azeredo Perdigão, Ezequiel de Campos, J. N. Ferreira Dias e outros autores —, para Sampaio nenhum país se poderia desenvolver sem que, simultaneamente com a agricultura, se promovesse também a sua indústria (Sampaio, 2008: 398)⁶, o que, inclusivamente, considerava condição necessária para que um país pudesse manter a sua independência.

Recorda ainda que o trabalho não pode ser considerado como uma grilheta de castigo chumbada ao homem sofredor, mas sim como o destino glorioso, concluindo: «As exposições industriais [ou “festas da civilização”, como também já se lhes chamou (Mendes, 1998: 249-273)] são o meio mais eficaz de conseguir a realização deste intento» (Sampaio, 1884: 8).

Defendia o desenvolvimento industrial, através da educação do operário, que dela muito necessitava. São suas as seguintes palavras:

«Mestres nacionais e estrangeiros opinam conformemente que o operário português possui todas as qualidades necessárias de um bom oficial: o que lhe falta é o ensino técnico geral, a aprendizagem, e um meio moral conveniente que lhes estimule as faculdades inventivas» (Sampaio, 2008: 399).

Em conformidade com este ponto de vista, um dos objetivos da organização do referido certame foi, precisamente, a criação de

⁶ Esta tese (da necessidade do desenvolvimento agrícola e industrial para o desenvolvimento de um país) veio, mais tarde, a ser igualmente defendida pelo historiador Paul Bairoch.

uma escola industrial em Guimarães, desiderato que foi alcançado com a fundação, em 3 de dezembro desse mesmo ano de 1884, da Escola Industrial Francisco de Holanda.

No último quarto de século da vida de Sampaio (1884-1908), de plena maturidade, foram dados às estampas os seus trabalhos históricos mais relevantes que levaram o seu amigo, Luiz de Magalhães, a classificá-lo como “um verdadeiro historiador de raça” (Magalhães, 1923: p. V).

Assim, foram sendo sucessivamente editadas as seguintes obras: *A propriedade e cultura do Minho* (1885); *O Norte Marítimo* (1889); *As Vilas do Norte de Portugal* (1895); e *As Póvoas Marítimas*, 1905-1908 (obra na qual trabalhava, aquando do seu falecimento). Não sendo possível analisar, aqui, o conteúdo destas importantes obras (que podemos classificar como verdadeiro monumento historiográfico), permito-me apenas enfatizar alguns aspetos. A título de exemplo, note-se a clarividência manifestada por Alberto Sampaio, numa incursão interpretativa que fez da História de Portugal, em obra de menor fôlego mas não menos significativa (*Ontem e Hoje*), vinda a lume em plena crise de 1892 e da qual destaco o que se segue. Referindo-se ao desequilíbrio entre a produção e o consumo, afirmava:

«Nos momentos de crise é tarde; fundas economias na administração aumentariam mais o número dos desempregados, e para a organização do trabalho falta o capital; falta o tempo, porque a fome bate implacável à porta do pobre. Então a emigração é o único expediente para ele; silenciosa e resignadamente cada um vai partindo, sem talvez uma palavra de amargura. Os que ficam acalentam do fundo do coração sobre todas qualquer esperança que não dependa da actividade colectiva, como agora a subida do câmbio do Brasil. E todos esperam, no meio de ruínas, que volte a bonança para repetirem mais uma vez a norma de vida do passado» (Sampaio, 2008: 310-311).

Palavras de grande sabedoria que, assim como muitas outras passagens que encontramos na obra de Sampaio, Eça de Queirós ou Oliveira Martins — vultos eminentes da nossa cultura, dos finais de Oitocentos —, poderiam ter sido escritas em período recente da História de Portugal.

2. Inovação na obra de Alberto Sampaio

- 2.1. Vários historiadores têm destacado aspetos inovadores na obra historiográfica de Alberto Sampaio. Por exemplo, Oliveira Marques, no que foi seguido por vários autores e hoje é geralmente admitido, considerou-o o criador ou o “pai” da História Económica em Portugal, cujo legado é notório na obra de diversos outros investigadores que lhe sucederam (João Lúcio de Azevedo, António Sérgio, Jaime Cortesão, Vitorino Magalhães Godinho e Orlando Ribeiro, entre outros).
- 2.2. Por sua vez, Jorge Borges de Macedo e João Francisco Marques chamaram a atenção para a metodologia utilizada por Sampaio, na investigação histórica. O primeiro, considerando Alberto Sampaio «um dos grandes mestres da historiografia portuguesa», destacava a originalidade do duplo questionário aplicado pelo autor à história regional: «um primeiro diz respeito à compreensão da área que a justifica como específica; outro, dirige-se ao campo da história nacional, onde vai integra-se» (Macedo, 1995: 414).
- 2.3. Por seu lado, João Francisco Marques sublinhou o método da chamada história-problema (que, apenas cerca de três décadas depois, viria a ser utilizada e divulgada pela chamada *história nova*) e que sintetiza assim: «O corpus documental e a sua exploração posterior partem da pergunta inicial e alimenta toda a pesquisa em análise» (Marques, 1995: 316).
Todavia, há várias outras características inovadoras a salientar na obra de Sampaio, para algumas das quais tenho vindo a chamar a atenção, em trabalhos anteriores, mas que me permito aqui recordar.
- 2.4. Começo, porém, com um aspeto que só agora podemos avaliar mais em pormenor, devido à inventariação da Biblioteca de Alberto Sampaio (disponível em Guimarães, precisamente no Museu que o adotou como patrono, ou seja, o Museu Alberto Sampaio), pela Eng.^a Emília Nóvoa Faria, e à já re-

ferida obra dedicada ao assunto, acabada de publicar sobre *Os Livros de Alberto Sampaio* (2016).

Diferentemente do que se poderia esperar, na biblioteca do historiador não se encontravam apenas livros de história, embora estes correspondessem a mais de um quarto do total. A bibliografia utilizada pelo autor contemplava muitas outras áreas do saber, o que ajuda a compreender como Sampaio, para além de historiador consagrado, tinha também um espírito eclético e era, afinal, um homem de vastíssima cultura.

Sem pretender ser exaustivo, lembro apenas que o seu interesse o levava a munir-se de livros e publicações periódicas de áreas que iam da agricultura, viticultura e jardinagem à arqueologia, etnologia, história da arte, direito, filosofia, política e linguística.

Esta sua abrangência e avidez pelo saber ajudam a compreender melhor o motivo pelo qual muitos dos autores do seu tempo lhe pediam conselho sobre questões das suas obras ou a sua opinião crítica acerca de trabalhos publicados, considerando-o como que um competente e metucioso “consultor científico”. Na sua correspondência abundam exemplos de solicitações do género da parte, por exemplo, de Antero de Quental, Oliveira Martins, Rocha Peixoto e Abade de Tagilde⁷.

No caso específico de Oliveira Martins, o seu conhecido *Projecto de Lei do Fomento Rural* (1887) — que não chegou a ser discutido no Parlamento — muito ficou a dever a Alberto Sampaio. O seu autor, ao enviar o original a Alberto Sampaio para análise, deu-lhe “carta branca” para o alterar ou corrigir, reconhecendo a elevada competência de Sampaio nas questões agrárias.

Esta faceta de Alberto Sampaio — não só como agricultor mas também como especialista em assuntos do foro agrário — já foi devidamente evidenciada pelo Eng.^o Alberto Faria

⁷ Sobre o Abade de Tagilde ver «João Gomes de Oliveira Guimarães» (Neves, 2009: 71-76).

Frasco, na comunicação sob o título «Alberto Sampaio, um Português do Minho», apresentada ao já referido Congresso Histórico (Frasco, 1995: 29-37).

- 2.5. Ainda relativamente ao método utilizado pelo historiador, merece realce o seguinte, quanto ao enquadramento temporal dos seus estudos.

Como o próprio Alberto Sampaio reconheceu, ele acrescentou treze séculos à História de Portugal de Herculano (ao recuar até ao Portugal Romano e mesmo Pré-romano), não obstante a alta consideração que lhe dedicava e a cujas fontes documentais, publicadas por Alexandre Herculano (em *Portugaliae Monumenta Historica*, sobretudo nas *Inquirições*), recorreu frequentemente. A propósito, lamentava-se Sampaio:

«Infelizmente, densas trevas cobrem a vida rural dos antigos; dela não se preocuparam os historiadores, atraídos pela história política e administrativa; por isso o trabalho presente [*As Vilas do Norte de Portugal*] não é mais que uma tentativa, tamanhas são as dificuldades e tão limitados os recursos do autor» (Sampaio, 2008: 97).

A essa faceta, de inquirir no tempo longo — como, mais tarde, vieram a fazer Fernand Braudel, March Bloch e outros — as origens da nossa história e cultura, deve acrescentar-se uma outra, que é a de se ter debruçado sobre a História de Portugal, desde a Antiguidade até à do seu tempo. Nesse sentido, Sampaio antecipou-se em relação à recente tendência de se focar também, na investigação, a história recente, contrariamente à prática seguida pela história institucional, em grande parte do século XX (sobretudo durante o Estado Novo), que privilegiou o passado longínquo — Idade Média e Expansão Ultramarina —, descurando a história da época mais próxima.

Consequentemente, como já defendi noutro trabalho sobre o autor, podemos considerar Alberto Sampaio, efetivamente, como um precursor da hoje chamada *História do Presente* (Mendes, 2007: 415-426).

2.6. Acerca das temáticas focadas, Sampaio também navegou contra a corrente em voga no seu tempo — e que veio a perdurar, ainda, por largas décadas —, ao voltar-se mais para a sociedade (o que também Herculano já tinha recomendado) e para o homem comum do que para os grandes vultos políticos e militares, do que, aliás, teve plena consciência, ao afirmar:

«O autor crê, todavia, que a poucos leitores agradará uma história sem personagens, faltando-lhe o atrativo dos dramas das paixões e do jogo dos interesses; ele, porém, dar-se-á por satisfeito, se os entendidos a julgarem de algum valor, pequeno que seja, para o conhecimento das origens. Se dos elementos que coligiu resultar um esforço, embora rude, do estabelecimento da propriedade e sistema cultural no norte do país; e se, enfim, conseguir por esta maneira alargar um pouco o nosso horizonte histórico» (Sampaio, 2008: 91).

A perspicácia de Sampaio levou-a ainda a detetar as profundas consequências da romanização, a norte, e da influência muçulmana, a sul, bem como da revolução cultural, provocada em terras do Norte e Centro do País, com a introdução e difusão do milho mais (desde o primeiro quartel do século XVI). Obviamente que a influência dessas perspetivas de Alberto Sampaio se repercutiu na obra de autores subsequentes, entre os quais se pode recordar Orlando Ribeiro, na sua importante obra *Portugal, o Atlântico e o Mediterrâneo*, na qual dá relevância à revolução do milho, embora sem se referir à expressão análoga, já utilizada por Sampaio, mais de meio século antes.

Também inovador, para o seu tempo, foi o interesse que manifestou pela história da alimentação e do vestuário, temas que, só recentemente, entraram na agenda dos investigadores. Por exemplo, acerca da alimentação esclarece:

«O mel era muito usado, e em certas localidades tão abundante que se indicam dele foros avultados, e algumas vezes consumido em favos; mas em geral usavam-no, sem dúvida, em lugar do açúcar de hoje [...]. O pão de centeio e de milho alvo, ou de trigo, simples ou misturado, as hortaliças e legumes, o vinho, a carne e em especial a de porco, as

galinhas e frangos, a manteiga e queijo, as frutas, sobretudo as castanhas, encontravam-se num dia ou noutro na mesa do lavrador, mais ou menos farta, conforme os meios de cada um» (Sampaio, 2008: 238-239).

2.7. No que concerne às fontes históricas, utilizadas por Sampaio, sobressaem dois aspetos. Em primeiro lugar, sem descuidar as fontes escritas — base fundamental das suas investigações, embora tivesse utilizado sobretudo as impressas e não tanto as arquivísticas —, recorreu igualmente às fontes materiais, com destaque para os resultados das investigações do arqueólogo e seu amigo Martins Sarmiento⁸, cuja biblioteca tão bem conhecia e que catalogou.

Assim, foi um dos primeiros historiadores — se não mesmo o primeiro — a recorrer à arqueologia para confirmar e consolidar a investigação histórica.

Além disso, Sampaio também não hesitava em utilizar fontes orais que, até há pouco, foram relativamente secundarizadas.

2.8. Por último, e para não me alongar mais, Alberto Sampaio — na linha do seu amigo Antero de Quental, como bem notou Onésimo Teotónio de Almeida — antecipou-se, pelo menos em parte, a Max Weber, em relação à sua tese exposta na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (Weber, 1983: 1.^a ed., 1905), posteriormente refutada por vários autores.

Deste modo, Antero escrevia, nas *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos* (1871): «Quem pode hoje negar que é em grande parte à reforma que os povos *reformados* devem os progressos morais que os colocaram à frente da civilização?». Por sua vez, Sampaio, em carta dirigida a Luís de Magalhães (21-07-1898), afirmava:

«A respeito da decadência dos povos de línguas românicas, pois todos eles estão cada vez pior, estou cada vez mais

⁸ Sobre Martins Sarmiento e a correspondência entre Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, ver: (Lemos, 2013); (Faria, 1998).

convencido que o mal lhes provém do Catholicismo, que é a religião de todos. A igreja catholica, com o excesso de disciplina, partiu-lhes a energia intelectual e moral. Pobre gente! Donde lhe virá a salvação?»⁹.

As posições mencionadas fazem parte da teoria decadentista, tão cara à Geração de 70, que foi igualmente abordada por Oliveira Martins, acerca da qual, todavia, manifestou alguma discordância. Na sua *História da Civilização Ibérica* (1972), quanto à vocação das nações para as funções utilitárias, acrescenta:

«Essa influência, porém, não é religiosa, é apenas mercantil; e, se a princípio parece que as descobertas são uma causa da vitória do protestantismo, examinando melhor, vê-se que o vencedor foi o génio mercantil e não o génio religioso das nações protestantes» (Martins, 1972: 283).

Termino, citando Luís de Magalhães Lima, no prefácio ao vol. I de *Estudos Históricos e Económicos*, numa síntese muito clara e elucidativa e com a qual me identifico totalmente: «Entre a obra archeologica de Martins Sarmiento e a obra historica de Herculano, a de Alberto Sampaio impõe-se como um nexo, uma ligação que as conjuga, as une e lhes dá continuidade, fazendo desaparecer um grande hiato de treva, de incerteza e de ignorância». E continua, um pouco adiante: «Este historiador da propriedade agraria e da sua cultura não é um tratadista de gabinete, armado apenas de uma sciencia theorica e livresca. Não, a erudição de Alberto Sampaio tem a esclarece-la o conhecimento practico e directo da vida rural e da região sobre que incidem os seus estudos. Não ha detalhe thecnico, nomenclatura de operações culturaes, de alfaias agricolas ou de suas componentes, dos productos do solo e da sua manipulação, que elle não conheça e que, para o seu espirito, não representem outras tantas indicações etymologicas que o conduzem no caminho das suas indagações de historiador» (Magalhães, 1923: p. XXVI).

Após o que ficou exposto e a leitura destas tão expressivas palavras, apenas me resta fazer um voto e dar uma sugestão: que

⁹ Assunto já por mim focado em (Mendes, 1995: 373-374).

se continue a estudar a vida e obra deste grande vulto da nossa história e cultura. Pela sua envergadura, não obstante o muito que já conhecemos da vida e obra de Alberto Sampaio, o assunto bem merece que se prossiga com a investigação, podendo a temática constituir, inclusive, um excelente tópico para uma tese de Doutoramento. Fica a sugestão.

Bibliografia

- Andrade, Anselmo (1918). *Portugal Económico. Theorias e Factos*, volume I. F. França Amado Editor, Coimbra. 1.^a ed., 1902.
- Cardoso, Mário (2009). Alberto Sampaio. In *O Ano que mudou Guimarães. Catálogo*, pp. 37—42. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- Chaves, Luís (1941). Alberto Sampaio na História de Portugal. *Novidades*, 25-05-1941.
- CMG (1995). *Actas do Congresso 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*. Câmara Municipal de Guimarães, Guimarães.
- Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid (1986). *Exposiciones (Las) Universales. Catedra de Urbanística I. curso 1984/85. Colección Catedras n.º 8*. Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Madrid.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa (1998). *Estudos arqueológicos Entre-Douro-e-Minho nos finais do século XIX. Correspondência entre Martins Sarmento, José Sampaio e Alberto Sampaio*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa (2007). *História de Alberto*. Campo das Letras, Porto.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa (2016). *Os livros de Alberto Sampaio. Estudos and catálogo*. Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa e Martins, António (2008). *Cartas a Alberto Sampaio*, volume I de *Correspondência*. Campo das Letras, Porto.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa e Martins, António (2009). *Cartas de Alberto Sampaio*, volume II de *Correspondência*. Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão.
- Faria, Emília Sampaio Nóvoa e Martins, António (2012). *A Paixão das Origens. Fotobiografia de Alberto Sampaio*. Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, Guimarães.
- Fonte, Barroso (1998). *O Pensamento e a Obra de Alberto Sampaio*. Edição do autor, Guimarães. Dissertação de mestrado.
- Frasco, Alberto Faria (1995). Alberto Sampaio – Um português do Minho. In *Actas do Congresso 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, pp. 29—37, Guimarães. Câmara Municipal de Guimarães.

- Guimarães, Avelino Silva (2009). A Exposição Industrial de Guimarães. In *O Ano que mudou Guimarães. Catálogo*, pp. 137—189. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- Lemos, Francisco Sande (2013). *Martins Sarmento e a Arqueologia Europeia. Catálogo*. Sociedade Martins Sarmento, Fundação Cidade de Guimarães, Guimarães.
- Macedo, Jorge Borges (1995). Alberto Sampaio no pensamento histórico português. In *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, pp. 413—441, Guimarães. Câmara Municipal de Guimarães.
- Magalhães, Luís (1923). Alberto Sampaio e a sua obra. In *Estudos Históricos e Económicos*, volume I, pp. V—XXIX. Livraria Chardron, Porto.
- Marques, João Francisco (1995). Alberto Sampaio – Teoria e prática de um historiador. In *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, pp. 309—323, Guimarães. Câmara Municipal de Guimarães.
- Martins, Oliveira (1972). *História da Civilização Ibérica*. Guimarães & C.^a Editores, Lisboa. Prefácio de Fidelino de Figueiredo. 1.^a ed., 1879.
- Mendes, José Amado (1992). Alberto Sampaio: um observador arguto da realidade do seu tempo. *Revista de Guimarães*, 102: 345—367.
- Mendes, José Amado (1993). Antero de Quental e Alberto Sampaio: observadores atentos da História imediata. In *Congresso Anteriano Internacional. Actas*, pp. 449—460, Ponta Delgada. Universidade dos Açores.
- Mendes, José Amado (1995). Alberto Sampaio e a História Económica. In *Actas do Congresso 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, pp. 365—379, Guimarães. Câmara Municipal de Guimarães.
- Mendes, José Amado (1998). As Exposições como “Festas da civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). *Gestão e Desenvolvimento*, 7: 249—273.
- Mendes, José Amado (2007). Alberto Sampaio, precursor da história do presente. *Boletim Cultural. Vila Nova de Famalicão*, III Série(2/4): 415—426.
- Mendes, José Amado (2016). Alberto Sampaio, historiador completo e avançado no tempo. In *Os Livros de Alberto Sampaio*, pp. 83—94. Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão.
- Neves, António Amaro (2009). João Gomes de Oliveira Guimarães. In *O Ano que mudou Guimarães. Catálogo*, pp. 71—76. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- Sampaio, Alberto (1884). *A Industria Vimaranesse. Folha única. (Comemorando a abertura da primeira Exposição Industrial em Guimarães)*. Imprensa Vimaranesse, Guimarães.
- Sampaio, Alberto (1923). *Estudos históricos e económicos*, volume I e II. Livraria Chardron, Lisboa. Com prefácio de Luiz de Magalhães.

- Sampaio, Alberto (2008). *Obras*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães. Introdução de José Amado Mendes.
- Sampaio, Alberto e Meira, Joaquim José (1991). *Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães em 1884. Apresentado pela Sub-Comissão incumbida de o formular á Comissão Central encarregada de promover e organizar a mesma Exposição*. Muralha – Associação para a Defesa do Património Industrial de Guimarães, Guimarães. Fac-Simile da 1.^a ed, Porto, Typographia de José da Silva Teixeira, 1884.
- Weber, Max (1983). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ed. Presença, Lisboa. (trad. do alemão) (1.^a ed., ainda incompleta, em 1905).